

**Entrevista  
à Coordenadora  
Nacional da Rede  
de Bibliotecas  
Escolares**

**Dr.<sup>a</sup>  
Teresa Calçada**



**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR**  
Covilhã | Portugal

**UBI – Mestrado em Ciências  
Documentais  
[2010]**

**Orientadores:**

Professora Doutora: Maria da Graça Sardinha

Professor Doutor António Pais

**Mestrando:**

Pedro Rafael Neto Gomes

**[Guião de  
Entrevista]**

**Apresentação e objectivos**

A realização desta entrevista insere-se na recolha de dados no âmbito do Mestrado em **Ciências Documentais** da Universidade da Beira Interior sobre “**A Biblioteca Escolar: Uma Rede de Aprendizagens. O Papel das Parcerias**”

Tem como objectivo conhecer a perspectiva da Coordenadora Nacional da Rede de Bibliotecas Escolares, face à utilização da Biblioteca Escolar/ Biblioteca Pública ou outra tipologia de bibliotecas numa óptica de partilha/ parceria e uso comum dos mesmos espaços por públicos distintos. Uma abordagem aos conceitos *joint-use libraries* e *dual-use libraries*.

Os dados recolhidos destinam-se a fins puramente académicos.

(Autorização para recolha de gravação digital da entrevista e de divulgação da identidade)



## **Entrevista à Coordenadora Nacional da Rede de Bibliotecas Escolares, Dr.<sup>a</sup> Teresa Calçada**

**1. A Dr.<sup>a</sup> Teresa iniciou o seu percurso nas Bibliotecas Públicas. A partir de 1996 integrou o grupo de trabalho para lançar o Programa da Rede de Bibliotecas Escolares no qual se encontra até ao presente como Coordenadora Nacional. Na sua visão, que factores é que contribuíram para ao fim destes 14 anos a RBE estar implementada em todos os Concelhos do nosso país? Dados de 2008 (35% -1º ciclo) (100% 2ºe 3º ciclos) (93% Sec.)**

**Teresa Calçada** - Nós temos, tínhamos como objectivo não é, no arranque do programa chegar a todos os alunos às vezes isso confundia-se com todas as escolas embora não fosse desde sempre fazemos prevalecer as escolas com mais de 100 alunos. Depois com a reorganização da rede escolar, mais se reforçou a ideia que nós tínhamos de ter bibliotecas nas secundárias, bibliotecas nas 2 /3, e as 2/ 3 é que seriam, capazes de organizar serviços de bibliotecas para as escolas do 1º ciclo sem prejuízo para as escolas maiores, como é agora o caso dos centros, poder haver biblioteca, a partida tínhamos a pretensão de ser nacional e realmente o programa nasce em termos filosóficos se quiser em termos de princípios como um programa nacional, eu acho até que num certo sentido podíamos ter chegado a este objectivo mais cedo mas nós tentámos sempre conciliar esta extensão com o reforço dos recursos humanos e isso foi-nos levando a trabalhar, o prato da formação, e da, de dar competências aos professores, a passo com o estender geograficamente a rede, e quer dizer uma década deu para fazer isso, porque realmente tínhamos isto como projecto estava delineado assim, há aqui uma matriz que vem da maneira como a rede foi pensada, mas também porque diga-se, por um lado houve adesão das escolas, dos professores, das direcções regionais, nós tivemos boa aceitação do público-alvo, e por outro lado mesmo a nível de decisão política, nunca tivemos grandes constrangimentos, sempre o nosso programa, foi conquistando, umas vezes mais dinheiro outras vezes menos, conforme a conjuntura, mas nunca, tivemos anos 0, anos sem dinheiro, anos em que não pudéssemos expandirmos, por isso ao fim, deste tempo chegámos ao território nacional.



---

**Pedro Rafael - Certamente também teve muito a ver com a estabilidade da equipa do gabinete da rede?**

**Teresa Calçada** - Quer dizer à posterior, eu acho, que não podemos negar que poder, não posso garantir-lhe essa coisa se calhar outras pessoas poderiam até ter feito de outra maneira também ou melhor, mas visto assim acho que se pode entrar como um dos aspectos que contribuiu para a rede se estender, e ser reconhecida como rede, o facto de não só eu ser sempre a coordenadora mas como a própria equipa não se ter desmanchado, muito, e isto ligando com o poder político que foram muitos, os ministros, e até, de governos de orientações política diferente, que contribuíram para essa estabilidade reconhecendo sempre uma independência dos princípios de orientação do modo de trabalho, como outras questões que o caso não vinham, mas é verdade.

**1.1. No que se refere às Bibliotecas Públicas a abrangência de território é menor e ainda não estão instaladas em todos os Concelhos, o que lhe parece que ainda falta nesta dinâmica?**

**Teresa Calçada** - Olhe, a rede pública tem um aspecto, deste logo, é verdade, que mudou, eu própria fiz parte durante alguns anos, muitos, sempre a trabalhar com a Maria José Moura, que saiu há pouco tempo. E a rede é um facto, que se descapitalizou do ponto de vista do seu núcleo duro e, pronto teve mais acidentes, teve menos sorte isto para tudo na vida é preciso sorte, teve menos sorte nesse sentido mas há aqui um aspecto que é assim enquanto a rede bibliotecas escolares depende do ministério da educação e o ministério é proprietário, digamos assim, das escolas embora agora haja acordos de transferências para as autarquias e portanto possivelmente isso também vem introduzir alterações na rede, mas ao longo desta década e pouco, foi sempre assim o ministério era proprietário das escolas, tinha uma certa norma um certo modo de organizar estas candidaturas e a constituição das bibliotecas nas escolas. O ministério da cultura dá dinheiro a fundo perdido, contribui com dinheiro para os municípios, mas não é proprietário, e portanto muitos dos aspectos da organização de funcionamento respeitam às autarquias sem que tenha havido até agora infelizmente uma norma das bibliotecas. Eu acho que tem sido uma lacuna gravíssima para o percurso das públicas, e não só, mas das públicas em particular, não haver uma norma que traz aos autarcas uma certa liberdade para fazerem um pouco à medida do que entendem administrar, e que sem tem reflectido muitas vezes em mau trabalho do ponto de vista das públicas, depois com



a falta de dinheiro, e as públicas são muito caras, houve momentos em que o ministério não conseguiu acompanhar a vontade das autarquias de fazer bibliotecas, o que veio a também trazer uma grande diminuição das candidaturas, e ainda um outro factor, acho, o facto de para municípios muitos pequenos, de dimensão muito pequena a partir da experiência da rede de leitura pública se dever porventura ter ajustado um programa para aquelas bibliotecas, ou melhor, para aqueles concelhos, que acabaram por revelar falta de condição, para aceder a fundos na área da cultura ou que não souberam ou não puderam priorizar na biblioteca, como um equipamento muito exigente, em termos financeiros e de manutenção. Porventura, eu estou de fora, mas enfim, mas estive lá muitos anos dentro, acho que aqui há uns anos atrás devíamos ter, devia ter sido pensado um modelo diferente para as públicas. Porventura até em articulação com as escolares num determinado momento, mas isso não foi feito, e talvez nalguns casos venham a ser as escolares num ou noutro concelho, a puder induzir esse comportamento, mas é difícil, porque evidentemente uma coisa é o brilho que dá uma biblioteca pública, outra coisa é a escolar lá metida ao lado do refeitório e do ginásio dos alunos, como compreende.

**2. Em outros Concelhos onde existem BP e BEs não existe o serviço de SABE, considera este serviço prioritário e fundamental para a existência de uma real parceria entre estas instituições?**

**Teresa Calçada** - Olhe eu considero, e acho que você sabe que eu considero, e de algum modo, isso está na matriz da própria rede de bibliotecas escolares, eu venho das públicas, e estou aqui há treze anos, e na altura nas públicas eu já defendia assim, portanto digamos que se eu tivesse ficado nas públicas eu teria, e posso garantir isso porque a minha prática demonstra, eu teria, exactamente, orientado, na medida do meu contributo, as públicas para serem escolares, e as escolares para serem públicas, quer dizer logo entender que a realidade tinha mudado como se vê agora com o digital que era uma coisa que há 10 anos se antevia, e que portanto nos devíamos pensar nisto tudo como um todo, e não espartilharmos tanto a nossa funcionalidade, e não manter uma ideia um bocadinho obsoleta de que as publicas servem para uma coisa as escolares para outra, não servem, hoje está mais que provado que nós fazemos muito igual reconhecendo nós que nas escolares pela ligação aos currícula e à parte das disciplinas e dos programas e dos conteúdos disciplinares há um trabalho directo com os professores que tem uma especificidade, mas hoje com aprender ao longo da vida com as oportunidades com a formação à noite, de tarde.... com os do abandono



---

com tudo isso, mais a biblioteca pública tem também papéis nisto ou pode ter se se souber adaptar aos tempos, e assumir-se também como uma plataforma, portanto em conjunto nós não somos mais que uma plataforma que dissemina informação e conhecimento.

2.1. Encara outras formas de cooperação? Partilha? **(questão não realizada)**

2.2. Na sua visão esta parceria/ cooperação deve ir até onde? (empréstimos interbibliotecas; portais concelhios; catálogos colectivos, horas do conto, animação....) deve ir até onde?

**Teresa Calçada** - Como diz o Toy Story “O infinito e mais além”.

2.3. Onde podemos INCLUIR (envolver/ participar/ dinamizar) a restante comunidade local?

**Nesse infinito e mais além onde podemos incluir, envolver e por a dinamizar a restante local, as empresas, os pais, a restante comunidade?**

**Teresa Calçada** - Olhe, eu acho que, eu já venho há alguns anos a tentar que a questão das novas oportunidades, das aprendizagens em meios menos convencionais até agora, utilizem a biblioteca nomeadamente a escolar, tentar que a biblioteca escolar abra uma noite, pelo menos para os alunos irem lá. Pela própria, pelos próprios cursos das oportunidades mas também porque os que frequentam as oportunidades são famílias e portanto nós conseguimos chegar por dois caminhos. Depois porque nós sabemos e o Plano é um exemplo, o Plano Nacional de Leitura é um exemplo acabado que se não trabalhamos com as famílias e não conseguirmos que elas compreendam o papel de ir ganhando estas competências leitoras no mundo total das literacias que hoje são exigidas na nossa sociedade, nós continuamos a reproduzir pobreza, portanto nós conseguimos aproximarmo-nos das famílias. Depois o ir mais aquém ou mais além realmente depende das situações concretas. Vamos ver, se uma biblioteca escolar é, tem um bom profissional um bom professor bibliotecário, tem uma equipe, que é capaz de fazer esse trabalho, deve abrir, e deve abrir à comunidade e pode ser uma escola primária porque naquela comunidade ela está longe dos outros centros, e pode, e não é todas as noite, é uma vez, ou é um sábado ou é levar os pais a ir lá sem ser para ralar com os miúdos ou para saber que eles têm más notas. É abrir como instrumento de cultura e de educação. Pode ser numa escola secundária, num concelho que



não tem biblioteca pública, por exemplo, e então a biblioteca, se o poder político e a direcção da escola se entender para isso fazer esse trabalho, abrindo. Aliás, repare, o programa da Empresa Parque Escolar, no seu programa global consigna a ideia. Ou seja coloca a biblioteca num sítio estratégico na orgânica da escola que permite ter uma porta aberta para a rua para poder acontecer eventos culturais mas também, exactamente, para poder abrir à biblioteca sem perturbar as lógicas e a segurança da escola. Pode estabelecer relações com filarmónicas, com universidades, mas isto tem de assentar sempre numa estrutura que mais ou menos formalmente se organize. Porque o que pior que há é fazer *Happy* fenómenos, hoje abrimos, um mês, depois afinal fechou, não, tem de se consolidar sob uma pequena forma de parceria, quem diz isto diz a prisão, o hospital e diz as empresas. Hoje o empreendedorismo é um conceito que tem de entrar na escola e eu penso que estabelecer algumas relações com algumas entidades empregadoras é muito importante. Nós temos de trazer o conceito do trabalho, do emprego para a escola. E há bocado acho que me esqueci de lhe dizer uma coisa a propósito do SABE, perdi-me. Que é o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, que vem consignado desde o início do nosso programa quando fizemos o relatório da rede de bibliotecas escolares é o testemunho que à cabeça este programa foi pensado para estabelecer um portal e uma rede de recursos físicos e humanos entre a pública e as escolares. Os catálogos, os portais, o empréstimos inter, tem se dado, às vezes não se formaliza esse serviço e é mau. Eu sei que nalguns sítios está formalizado, e não funciona, noutros não está formalizado e funciona. Mas eu sou a favor da formalização, acho que nos devemos, não é agora 20 páginas, são meia dúzia de artigos que dizem os nossos deveres e as nossas obrigações. Sou a favor disso, e aliás, nos colegas coordenadores inter concelhios sempre fomento que eles cuidem dessa relação institucional.

**3. Em 2008, a Dr.<sup>a</sup> Teresa apresentou uma comunicação no 8º Encontro Luso-Espanhol de Bibliotecários – DGLB com o título “Bibliotecas Escolares, Bibliotecas Públicas: parcerias ou partilha?” onde aborda os conceitos “Joint-use libraries” e “Dual use libraries” já largamente implementado em países como os EUA, o Canada e a Austrália. Sendo este países ricos não fará muito mais sentido em países com menores recursos, como o nosso, a implementação deste conceito? De uma forma efectiva rentabilizando os espaços e recursos disponíveis numa determinada comunidade?**



**Teresa Calçada** - É, eu como disse aí defendi isso, e depois até um pouco mais tarde já talvez com o conceito mais sólido, apresentei isso na biblioteca de Évora, onde é director um colega o Calixto que foi co-feitor do programa da rede das bibliotecas escolares, e eu acho que incentivo, no sítio onde há biblioteca pública que isso se faça com as escolares e vive versa, realmente não tenho defendido que não se façam as escolares, o seu ponto será essa. E eu acho que nós, entre nós pelo menos eu penso assim, tenho a ideia que nós precisamos de um espaço nas escolas que não precisa ser muito grande nem muito rico em matéria de todos os documentos daí que eu defendo os catálogos colectivos nessa perspectiva do uso *dual*, os recursos que um tem e o outro não precisa de ter, e mais do que entre uma escola entre as escolas e a biblioteca pública, mas não cheguei ao ponto se calhar por recuo meu não sei, deixei em aberto o tempo me julgará que não se faça nas escolas realmente não, e acho que tenho uma razão para isso, tenho recuado em fazer bibliotecas muito ostentatórias, cada vez desejo que elas sejam mais limitadas à sua função e trabalhem em parceria, mas, nunca defendi não se faça essa biblioteca a não ser em casos muito extremos, onde nós já temos um ou outro caso em que o pólo da biblioteca pública é simultaneamente pólo e biblioteca escolar já temos três ou quatro experiências dessas, não tenho defendido isso porquê? Porque eu acho que nós temos um público leitor muito débil, que inclui os professores, com poucos hábitos de trabalhar recursos para além de si próprio, e penso que a biblioteca se pode assumir na escola como um lugar leitor, no sentido do lugar de favorecimento das literacias, onde estão recursos em material digital e material fisicamente lá presentes, onde os professores podem encontrar formas de melhorar as suas competências como professores, as suas capacidades como professores, e de ir buscar a informação mais organizada, suportes que sirvam para as suas aulas, que podem até ir para os quadros digitais, e para ambiente de sala de aula, exportados da biblioteca para lá, quer dizer é a mesma razão que me faz crer professores bibliotecários, partindo do principio que nós não temos uma cultura de pensar isto articulado, de pensar o currículo articuladamente, não temos tutorias e que então pode favorecer um ambiente de aprendizagem mais conforme às exigências do nosso tempo uma, um lugar na escola que é uma sala de trabalho que tem recursos *Plus*, (mais), que tem um recurso humano ou dois também mais, e que faz imenso trabalho de ensinar a utilizar recursos. Portanto, não vejo a biblioteca tanto só como um repositório de recursos mas um lugar onde se ensina a trabalhar esses recursos, nem sempre bem conseguido, é um facto, que não tenho nenhuma dúvida, porque nem sempre a formação, é o que nós desejávamos, e mesmo, porque nestes dez anos, vocês vejam o que nós saltámos, o que o mundo saltou em matéria do uso da informação.



Começamos a formar as pessoas para o livre acesso para isto e para aquilo e de repente cai-nos o digital e todo o mundo de recursos que nos obriga a repensar tudo, e portanto muitas vezes alguns dos professores que estão na biblioteca e que nasceram muito bem para fomentar o prazer, e os hábitos leitores não conseguiram acompanhar o ritmo das leituras em suportes digitais e afins, e nós estamos aqui numa encruzilhada, mas eu própria acho que tenho alguma consciência disso, e não há muito tempo, propôs no instituto do livro, que é quem tutela as bibliotecas públicas, dois aspectos, um que efectivamente pudesse fazer um levantamento das situações, e virem a encontrar soluções que não estão no terreno, como seja, nos concelhos de menor dimensão e outro que juntasse professores e bibliotecários para, já que nós temos este equipamento aqui e temos, olhe, por exemplo nós estamos a fazer esta entrevista numa biblioteca pública, que tem vários anos, pensássemos como é que eles podem em conjunto fazer leitores para ambos, e não se acantonar cada um a pensar que somos concorrentes uns dos outros, porque somos concorrentes, lamentavelmente no pior dos sentidos, é porque nenhum faz leitores, e nós devíamos ser concorrentes a fazer leitores, e não encostamo-nos, claro se uma biblioteca pública tem o horário da escola! campê não é? agora se a biblioteca oferece outras coisas, oferece formação, oferece já oportunidades às famílias, por exemplo, sei lá 21:00 dou-lhe um exemplo, que é comumente o dual use plus..... tem aqui esta biblioteca, esta biblioteca tem um auditório extraordinário, o auditório faz formação, no âmbito da formação para o trabalho ou discursos de formação, mas a biblioteca oferece, um serviço para dar guarda às criancinhas sim, é pôs laboral.

E o que é que a gente faz às criancinhas, porque não oferecer exactamente nessas horas agora se está aberta, das oito, ou das nove, ou das dez, na maioria dos casos, até as cinco ou as seis da tarde, claro que nunca *dual use* que suporte esta rigidez, tem que ser ao contrário tem que abrir uns dias, tem que se adaptar realmente a outras circunstâncias, agora não quer dizer isto, e não quero de todo dizer, que o programa das bibliotecas escolares, não tenha cometido excessos, eu acho que cometemos inevitavelmente, e dou-lhe um sem nenhuma vergonha de reconhecer o meu erro, que aliás depois quis corrigir, a certa altura eu percebi que havia uma escola 2,3 e uma secundária num concelho qualquer, e quando vou visitar eles são paredes meias, e no momento das candidaturas, nós não percebíamos fisicamente isso, e só quando lá chego, é que vejo que elas são paredes meias, claro que você conhece a resistência das escolas, portanto, eles próprios já não digo de uma maneira consciente mas pelo menos subconsciente, nem queriam que se soubesse que eles estavam paredes meias no mesmo recinto.



---

Pois, por exemplo passa é um caso, é um caso, são situações que nos escapam, é a margem de risco destas coisas, mas por exemplo, eu sou agora completamente defensora das fusões quando elas reúnem condições para ser, e resisto à ideia de manter duas bibliotecas num sítio e é prova disso que na questão dos professores bibliotecários eu tomo-as como uma escola, as vezes está lá o equipamento até pode ficar uma sala de trabalho mas é entendida como só uma biblioteca. Mas agora nalguns casos irei tarde.

**4. Existem algumas experiências pontuais no nosso país que a BE está aberta fora de horas ou durante o período de férias escolares para servir a comunidade. (ex: de Alpedrinha) como encara esta possibilidade tendo em conta os recursos humanos necessários para tal?**

**5. Quais os maiores obstáculos se poderão colocar à implementação destes conceitos?**

**(Questões não realizadas)**

**6. Para uma efectiva concretização do “Joint-use libraries “ e “Dual use” embora o espaço possa ser comum, como observa a constituição de equipas de trabalho, organização e gestão?**

**Teresa Calçada** - É assim, o espaço pode ser comum ou não, a maior realidade é não comum e eu acho que aquela ideia de termos um portal, de termos um catálogo comum, de favorecermos esse tipo de lógica vem mais do que propriamente o catálogo que não serve de sentido se você quiser até parece um bocadinho *démodé*, digamos assim, teve efeitos colaterais super positivos, nesse ambiente, que, bom mesmo dependendo, organicamente diferente porque um professor depende do ministério da educação, o bibliotecário depende da câmara municipal eles podem constituir-se como equipe e fazer as coisas de maneira a que nomeadamente o poder local perceba que aquilo é um serviço na comunidade, e a própria realidade tende a empurrar para isso as 2/3 mais dia, que é como quem diz mais ano menos ano, propriedade das câmaras municipais restam o secundário, bom vai naturalmente ter que se discutir mais ano menos anos a colocação dos professores se é a nível nacional se não é a nível nacional qual é o papel que têm o poder local disto e isso tende obrigatoriamente a vir a enquadrar os professores que estão nas bibliotecas das escolas, e a equipe dos bibliotecários numa só equipe, numa só equipe, que até pode ser *dual*, uma depende duma, uma depende



doutra, às vezes nas escolas há umas equipas especiais ou isto ou aquilo que dependem e o próprio PTE, o próprio PTE, porque realmente, hoje nas escolas a equipe PTE e o professor bibliotecário tem que compreender que eles são o *Focal Point* do fomento, das aprendizagens, das literacias em ligação com os currícula não é? da informação claro, e que isso tem de ser feito com as bibliotecas públicas, mas as bibliotecas públicas também tem que compreender que o conceito de biblioteca mudou, e, quer dizer eles há algum encluzamento na atitude com alguns bibliotecários de carreira, se vêm nesta era do digital, e eu verifiquei em alguns casos, não interessa para o bem e para o mal, as escolares vieram introduzir uma lufada de ar fresco nesta concepção de serviço público, a minha, eu penso que, tendencialmente, nós vamos inevitavelmente, chegar a esse conceito, aliás eu tenho por maneira de apresentar, o problema sempre, uma atitude mesmo quando sei que há contradições, e que às vezes eles não se entendem tão bem a fazer de conta que não é assim, claro que conto com essas contradições, porque senão não actuo bem na realidade, mas a comportar-me de modo, a puder induzir um comportamento, uma atitude, uma praxis, que una os professores bibliotecários e as públicas, e devo-lhe dizer que nos últimos anos, eu pensei que isto era mais fácil no principio, e não foi tão fácil. Mas acho, que ultimamente, vejo mais disposição de ambas as partes, mesmo que não tenham consciência do conceito o praticarem.

6.1. E a gestão de espaços e recursos?

**7. Algumas autarquias do nosso país, nomeadamente Óbidos e Oeiras, estão a intervir na construção de espaços escolares distintos (JI e 1ºECB) com a envolvência de zonas ajardinadas, pavilhões desportivos, auditórios e especialmente Bibliotecas. Estas valências são para utilização de toda a população local. Este conceito só será possível com a implementação deste tipo de escolas comunitárias?**

**Teresa Calçada** - Sim. Mas eu penso que pode ser boa, do ponto de vista da comunidade, porque olha a escola de outra maneira, é um serviço que pode ver melhor o que os seus filhos estão lá fazer, que não seja só para ralar e para ver se tem notas e para ver se não tem, e se for bem organizado porventura a escola responder a algumas necessidades dos pais ou porque eles estão também a estudar ou porque eles não sabem bem responder a um problema de saúde dos filhos ou de comportamentos um bocadinho menos normalizados ou de dificuldades de aprendizagem, porque não? e às vezes quando as populações não são muito



letradas, como é o caso, o nosso caso, as pessoas têm medo de entrarem em certos ambientes, se calhar entram melhor na escola do que na biblioteca mas depois fazem a passagem de uma para a outra, foi aliás a função que de certo modo tiveram aqueles livros que passaram a ser vendidos no supermercado as pessoas não entrevam bem numa livraria, porque nunca foram habituadas portanto a livraria tem uma lógica que as pessoas não sabiam mas no supermercado como a parte dos livro reproduz as massas, e o arroz a pimenta e o sal, as pessoas começaram a passar com os carrinhos lá, e os próprios miúdos dizem, leva-me isto, compra-me isso, não sei o quê a Leopoldina, ou qualquer coisas dessas, e eu penso que na escola também pode ser isso, penso e acho por exemplo esse aspecto puder servir para ter os miúdos em certas horas, eles já estão muito tempo na escola, eu sei coitados querem sair, mas situações pontuais organizadas, acho que é fundamental para puderm as pessoas habituar a introduzir no seu léxico nas suas coisas que elas conhecem, sabem o que é uma discoteca, sabem o que é um bar, um supermercado, uma mercearia, uma biblioteca, e isso em si mesmo, é uma mudança.

**7.1. Que impacto social pode ter na comunidade um Biblioteca de uso comum ou que seja partilhada por públicos distintos?**

**8. Alguns autores como Sharon Honig-Bear, Willian Miller e Rita Pellen, entre outros, referem que o maior problema para a implementação do “Joint-use” e “Dual-use” está relacionado com o sentimento de posse dos intervenientes, da gestão de orçamentos e dos recursos humanos. Que comentário faz?**

**Teresa Calçada** - Quem sou eu para contrariar, estes, esses autores de referência, porque eles estudaram o problema e é, e então em países como nós, que não temos nem grande tradição de leitura, e somos pobre, pior, é evidente quem não tem quer ter, e isso desenvolve um conceito de propriedade, que não é uma propriedade, que não é um usufruto, é mesmo uma propriedade. Portanto o caminho não é natural, o caminho tem que ser cultural, temos que contrariar essa ideia da posse, por exemplo eu dou-lhe um exemplo, eu muitas vezes, muita gente chega a minha beira e diz, aí esta biblioteca tem muito poucos livros, tem muito poucos livros, tem poucos recursos documentais, e eu não tenho tendência a aderir de imediato a essa espontânea visão, porquê é uma visão, que vem cheia de alguns preconceitos, se quiser no fundo são preconceitos, que não precisa de ter tantos como estão a dizer, não é isso que é preciso, o que é preciso é o modo como se organizam, e como se misturam, os que nós temos, depois tu vais ver, e a biblioteca pública tem aqui uns tantos parados.



Ou na escola sede, ou tu tens por exemplo os livros do PNL, com uma utilização inferior a que deviam, porque as pessoas não pensam na utilização, pensam na propriedade e é isso, que então que no momento digital, tu fazes aparecer seja pagando muito pouco, seja hoje ainda muito livre, muito livre, sem pagares nada, tantos recursos, a coisa ainda não é muito evidente entre nós, porque a maioria dos recursos não são em português, mas à medida que começam a ser em português começa-se a perceber que há recursos que não tem sentido, porque eles mais facilmente se vão buscar em linha e há resistências por exemplo vamos dar outro exemplo, assinaturas muito caras, assinaturas muito caras, hoje há documentos de aprendizagem que são muito caros.

As bases de dados, exactamente, imensas bases, claro, nós temos o problema da língua porque a maioria das coisas ainda não é em português e portanto, isso retrai as pessoas de as comprar, mas já há algumas coisas que podem ser compradas colaborativamente.

É isso, mas isso implica, um obstáculo que é a propriedade, as pessoas custa a compreender que é bom ter, mas às vezes basta usufruir.

É melhor ainda, ter usufruto. Exactamente

**9. Os mesmos autores referem que para uma eficaz parceria/ partilha entre as instituições deve ser implementada uma atitude dos 5 C “Collaborate, Communicate, Cooperate, Change and Challenge.”**

**Teresa Calçada** - Pois é, em português bate certo.

Não acho que essas chegavam, tomara eu que nós fizéssemos essas, acho que há um ou outro conceito que já vamos a colaboração.

**Pedro Rafael - O Professor Bibliotecário, como um estratega, é uma peça fundamental para esta mudança?**

**Teresa Calçada** - É. É uma peça, e quer dizer mesmo que nalguns casos, possa ser o bibliotecário, do nosso lado, do meu, eu tenho que contar com o professor bibliotecário, é a ele que eu tenho que na sua avaliação, no seu, nos termos do seu trabalho avaliar, se ele faz isso ou não, ou se fica fechado naquele casulo muito contente que tem nas suas prateleiras muitos livros e muitas coisas, e depois vais a ver a utilização é muito limitada, portanto, tem que ser o professor bibliotecário do meu lado, tem que ser sobre esse, que eu actuo. Embora eu tenha, devo dizer-lhe, experiências num ou noutra sítio onde porventura, a peça fundamental foi o bibliotecário dou-lhe um exemplo São Brás de Alportel. São Brás de Alportel pratica muita colaboração, e partilha, e *change*, e tudo isso o que traz consigo, e o grande impulsionador do *modus operandi* é a bibliotecária, por exemplo dou-lhe assim um exemplo foi uma que me saltou bem, que me soube bem, a biblioteca pública tinha comprado uns livros para adolescentes, e não os expos como novidade, na biblioteca pública, primeiro



---

expô-los como novidade na biblioteca escolar que não os tinha comprado que era para aquele público e depois é que eles foram para a pública.

Serviu para si e serviu o público, o público era a utilidade, eram úteis ali e depois eles estão também na biblioteca, mas aquele era o público, e essa atitude é ótima, não é. Pronto.

**10. Por último gostaria de acrescentar mais algum aspecto significativo que considere pertinente para esta abordagem?**

**Teresa Calçada** - Sabe, eu acho que, talvez muita da nossa dificuldade venha realmente os professores não terem hábitos de trabalho partilhado, é uma coisa que parece contranatura a profissão de professor, mas realmente repete-se os planos de aula, repete-se a forma de ensinar, repete-se a produção de materiais, e já na própria escola, no mesmo grupo nós verificamos, que estão todos a fazer um barquinho para dar a menina do mar ou vice-versa, e isto é uma cultura.

Muito reguladas, em muitos casos, e a atitude, é porque uma competência envolve muitas atitudes, não é? e valores e isso, é uma cultura que custa a combater depois se ainda o queremos fazer na biblioteca, a que esta gente não está habituada a usar a biblioteca como um recurso partilhado, e muitos dos nossos professores bibliotecários também pensam a biblioteca como, com algum elitismo, e como uma coisa construída por si, e às vezes criam alguns anticorpos, como aquelas mães tanto amar os filhos, não os deixam voar, às vezes temos esses problemas e, portanto isso não é só um problema da biblioteca, é um problema da cultura de escola, mas eu acho que a história de agrupamentos, e de ter que lidar com as dificuldades do primeiro ciclo, e ter que encarar também o trabalho dos professores a ir para outras escolas do agrupamento e mesmo os conceitos de avaliação seja auto ou externa obriga os professores a outra atitude, não é possível, senão vão ter a vida mais difícil e nós também.

Espero que lhe tenha sido útil.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Pedro Rafael neto Gomes